

Características de Mulheres no Relacionamento Abusivo

Gabrielle Campos Ferreira

Marina Lorena S. de Oliveira

Tatiana Valéria Emídio Moreira

Centro Universitário de Anápolis – UniEVANGÉLICA

Nota dos Autores

Gabrielle Campos Ferreira, discente do curso de bacharelado em Psicologia do Centro Universitário de Anápolis – UniEVANGÉLICA;

Marina Lorena S. de Oliveira, discente do curso de bacharelado em Psicologia do Centro Universitário de Anápolis – UniEVANGÉLICA;

Tatiana Valéria Emídio Moreira, psicóloga, Mestre em Psicologia Social pela Pontífica Universidade Católica de Goiás e docente do curso de graduação em Psicologia no Centro Universitário de Anápolis – UniEVANGÉLICA.

Resumo

A pesquisa em questão buscou por meio de análises de artigos, livros e vídeos delimitar um possível perfil em mulheres que estão, ou que já estiveram em um relacionamento tóxico. O conceito de relacionamento abusivo está ligado à violência psicológica, emocional e patrimonial em relações afetivas, podendo destacar ciúmes exacerbado, manipulação, ações que diminuem a autoestima ou autonomia do outro, assim como também a violência sexual e física. Foi executado uma busca em dois portais de pesquisa – o *SciELO - The Scientific Electronic Library Online*; e o *Google Scholar* – onde foram encontrados vinte e dois artigos nos últimos 20 anos, porém apenas quatorze atendiam aos nossos critérios. No decorrer da pesquisa para uma melhor análise dos resultados houve a separação em três vertentes, sendo elas: traços de personalidades, consequências/permanência e dados sociodemográficos. Observou-se a partir dos levantamentos que cinco dos artigos escolhidos trouxeram em comum traço de personalidade que as vítimas possuem, e apenas seis artigos descreveram dados sociodemográficos referentes às mulheres que sofrem, ou já sofreram abuso. Quanto às consequências, foram encontrados onze artigos que também apresentaram aspectos que contribuem para a permanência na relação.

Palavras-chave: Relacionamento abusivo; violência; mulheres; vítimas

Abstract

The following research sought, through the analysis of articles, books and videos, to restrict a possible profile of women that are, or have been, in a toxic relationship. The concept of abusive relationship is linked to psychological, emotional and patrimonial violence in affective relationship, which may highlight excessive jealousy, manipulation, behaviors that reduce the other's self-esteem or autonomy, as well as sexual and physical violence.

A search was done in two research domains - SciELO (The Scientific Electronic Library Online); and Google Scholar - where it was found twenty two articles over the last 20 years, although only fourteen met our criteria. During the research, for a better analysis of the results, there was a division into three aspects, namely: personality traits, consequences/permanence and sociodemographic data. It was observed, from the

CARACTERÍSTICAS DE MULHERES NO RELACIONAMENTO ABUSIVO

surveys, that five of the chosen articles brought in common personality traits that the victims have, and only six articles described sociodemographic data regarding women who are abused or have been through it. As for the consequences, it was found eleven articles presenting aspects that contribute to the permanence in the relationship.

Keywords: Abusive relationship; violence; women; victims.

CARACTERÍSTICAS DE MULHERES NO RELACIONAMENTO ABUSIVO

A pesquisa em questão buscou por meio de análises de artigos, livros e vídeos delimitar um possível perfil em mulheres que estão, ou que já estiveram em um relacionamento tóxico. A questão que norteia nosso projeto é genuína: existem características comuns às mulheres que sofrem com relações abusivas? trata-se de um assunto relevante para a sociedade, destaca-se a importância da autonomia, prevenção, proteção, apoio as vítimas e do conhecimento nessa área.

A violência contra a mulher é fruto de um contexto histórico, já que a sociedade foi constituída por meio de princípios patriarcais. Segundo Acosta, Gomes & Barlem (2013) pode-se entender a violência contra a mulher como consequência de uma construção social, política, cultural e religiosa, traçada a partir da desigualdade de gênero. A submissão das mulheres foi validada a partir dessa construção e ainda é cultivada entre as gerações.

A cultura machista e patriarcal está enraizada nas crenças da população, por muito tempo briga de casal deveria ser resolvido com privacidade, aquele famoso ditado: “briga de marido e mulher, ninguém mete a colher” (Einhardt & Sampaio, 2020). A desigualdade de poder entre os sexos faz com que o julgamento diante de algumas atitudes violentas dos homens seja considerado normal, portanto, muitas vezes o abuso está escondido dentro desses padrões impostos, e as mulheres não acreditam e/ou não questionam a possibilidade de estarem em uma situação abusiva. O movimento feminista trouxe diversos progressos nesse quesito, por exemplo, o número de mulheres que ocupam cargos relevantes no mercado de trabalho; a participação ativa da mulher na política, nas universidades, organizações de pesquisa, no topo de grandes empresas, possibilitam a independência intelectual e financeira.

Mesmo com o crescimento do movimento feminista na atualidade, empenhados nas lutas diárias contra relacionamentos abusivos, ainda existem comportamentos que necessitam ser refletidos na sociedade. Isso porque os índices de violência contra a mulher continuam alarmantes. De acordo com o Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) a cada duas horas uma mulher é morta no Brasil. Outro dado que o Instituto cita é que 38,9% dos homicídios de mulheres ocorrem nas suas próprias residências. Portanto, se faz necessário maior empenho social nesta questão. Sendo assim, pretendemos, compreender a partir desse trabalho traços comportamentais padronizados nas vítimas das relações abusivas. Juntamente com os índices crescentes de violência e experiências pessoais, é essencial encontrar maneiras que possam diminuir a violência contra a mulher. Por conseguinte, a pesquisa foi de grande relevância, uma vez que pode ajudar vítimas e

profissionais a reconhecer essas situações precocemente, antes que o quadro de violência se agrave.

O tema tratado é um assunto de saúde pública, pois segundo o Mapa da Violência de 2012, com base no SINAN (Sistemas de Informação de Agravos de Notificação) do Ministério da Saúde, 70.270 mulheres foram atendidas vítimas de violência, dados que têm se agravado de acordo com o mesmo estudo. Os altos índices de violência chocam ainda mais ao percebermos que o local do abuso/violência é costumeiramente onde a mulher deveria estar segura e protegida.

O fenômeno da violência exige uma intervenção complexa e interdisciplinar, pois traz efeitos severos para a vida da vítima e para a sociedade como um todo. Segundo a Organização Mundial de Saúde, 35% das mulheres no mundo já passaram por alguma violência física e/ou sexual realizada pelo companheiro. No Brasil 43% da população feminina se declararam vítimas de alguma violência cometida por homens.

De acordo com a Constituição brasileira de 1988 a Lei nº 11.340/2006:

Art. 2º “Toda mulher, independentemente de classe, raça, etnia, orientação sexual, renda, cultura, nível educacional, idade e religião, goza dos direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sendo-lhe asseguradas as oportunidades e facilidades para viver sem violência, preservar sua saúde física e mental e seu aperfeiçoamento moral, intelectual e social”. (Brasil, 1988)

Portanto é dever do Estado garantir esse direito e, além disso, trabalhar na prevenção e no amparo das vítimas que sofrem traumas que afetam os âmbitos físicos, morais, psicológicos, afetivos, sociais.

Na própria Lei nº 11.340/2006, Art. 7º há definições de cinco tipos de violências: física, psicológica, sexual, patrimonial e moral. A violência física consiste em qualquer conduta que infrinja a integridade ou saúde corporal do indivíduo. Violência psicológica é toda atitude que resulta em danos emocionais e/ou diminuição da autoestima, esse tipo de violência consiste em controlar, humilhar, desprezar, desvalorizar, manipular, isolar, ou seja, todas as atitudes que trazem prejuízos emocionais e psicológicos para a vítima. A violência sexual ocorre quando o agressor por meio de manipulação ou força obriga a vítima a participar, manter, comercializar ou presenciar relações sexuais não desejadas. A violência patrimonial é entendida como comportamento que detenha, destrua, prive o acesso da vítima aos bens materiais (celular, objetos pessoais, propriedades, instrumentos

CARACTERÍSTICAS DE MULHERES NO RELACIONAMENTO ABUSIVO

de trabalho, documentos, etc.) E por último a violência moral que é definida como qualquer atitude que configure injúria, calúnia e difamação. (Brasil, 1988)

O conceito de relacionamento abusivo está ligado à violência psicológica, emocional e patrimonial em relações afetivas, podendo destacar ciúmes exacerbado, manipulação, ações que diminuem a autoestima ou autonomia do outro, assim como também a violência sexual e física. O agressor controla a percepção que a vítima tem de si, distorcendo o senso de realidade, enfraquecendo e a manipulando emocionalmente, a relação vai se apropriando de ameaças da parte do agressor e sentimento de culpa da vítima. (Santos, Sanchotene, Vaz, 2019).

Para Lucena et al. Nascimento, e Souza (apud Neves & Pulmariega, 2020, p.16) A relação abusiva é marcada por momentos de calma, comportamentos gentis, alternado com comportamentos agressivos, arrependimentos e promessas de melhora. Caracteriza-se então o ciclo da violência, que é especificado em quatro fases. No primeiro momento ocorre o aumento da tensão, gerada por violências psicológicas, em que a identificação é mais complexa. A vítima tem dificuldade em aceitar a violência que vive, e nutre esperanças de melhora. Em seguida, as agressões físicas são inseridas na relação, aumentando gradativamente, fase essa que pode despertar na vítima a consciência de estar sofrendo violência. A terceira fase, se dá quando ocorre o arrependimento do agressor. Durante essa fase, o remorso e o receio de perder a companheira alimentam as esperanças de mudança, o que leva à quarta fase, chamada lua-de-mel. É nessa fase que ocorre a reconciliação, assim como a busca por justificativas, quando o agressor assume a responsabilidade de seus atos, levando a vítima a acreditar que, por fim, as violências cessaram. Entretanto a violência volta a acontecer, formando assim o ciclo do relacionamento abusivo (Pinto, 2018; Nascimento, Souza, 2018; Oliveira, 2011 apud, por Neves & Pulmariega, 2020).

De acordo com Hirigoyen (2006) e Mansur (2016) apud, por Maia (2017) sair do relacionamento abusivo não é nada simples. São sonhos, expectativas depositadas na relação, medo de perder a guarda dos filhos, culpa por envolvê-los em situações violentas, dependência financeira e emocional, esperança de mudança. Uma gama de fatores que gera grande frustração e, destruir esse paradigma mental é árdua tarefa, que está por ser cumprida, e que, pretendemos, no presente trabalho, dar um passo nessa caminhada. No decorrer dos anos, a violência contra a mulher vem ganhando espaço no campo de estudo. Mulheres a cada dia sofrem diversos tipos de abusos, permanecendo em relacionamentos que nada lhe agregam, prejudicando sua saúde em diversos aspectos.

Apesar de o assunto estar crescendo e ganhando notoriedade na mídia por causa do aumento da violência contra mulher e do feminicídio, muitas mulheres vivem esse tipo de relacionamento, mas não sabem reconhecer, uma vez que ele se inicia com as violências silenciosas, apontadas como violência moral, psicológica ou patrimonial. São violências a princípio mais sutis e de difícil identificação diferente do abuso físico que é mais visível e incontestável.

O seguinte trabalho teve por objetivo investigar e compreender o relacionamento abusivo, em seus processos e consequências. Além de ser sempre importante explorar o repertório teórico científico do tema, pois o reconhecimento da situação de abuso/violência pode aumentar o número de movimentos preventivos e de cuidados com as vítimas. Buscou-se por meio do levantamento de dados e informações ampliar o entendimento sobre as causas que podem levar as mulheres a serem vítimas de violência, e identificar se existem características comuns entre as mulheres que vivem em relacionamento abusivo.

Esses relacionamentos tendem a estar acompanhados de sentimentos distorcidos, ou seja, ações violentas e controladoras muitas vezes são vistas como um ato de amor e cuidado. A grande maioria das pessoas sente dificuldade em identificar situações violentas justamente pela romantização das atitudes abusivas.

A normalização do abuso, o ciúme, o domínio, o controle do homem sobre a mulher, são constantemente representados de forma romantizada pelos meios de comunicação. A possessão muitas vezes é vista como sinal de amor e zelo, podendo confundir e dificultar o processo de reconhecimento, e denúncia da violência.

O tema relacionamento abusivo dentro da relação entre homem e mulher, vem ganhando espaço nos meios de comunicação, fazendo com que mulheres se sintam mais à vontade em compartilhar suas vivências nas redes. O aumento dessas narrativas se dá por meio de mudanças nas práticas amorosas, onde ultimamente procuram mais igualdade e respeito, assuntos que antigamente não eram tão abordados.

Mediante a isso, também se fez necessário um olhar a respeito da subjetividade da vítima, e todo sofrimento que a relação abusiva lhe causa (Santos, Sanchotene, Vaz, 2019). Dessa forma, com a pesquisa em questão é possível abordar o assunto e assim contribuir com a base literária, uma vez que se faz necessário cada vez mais estudos a respeito do tema.

Metodologia

O seguinte estudo se trata de uma pesquisa bibliográfica, de natureza básica, que envolve verdade e interesses universais, uma vez que a violência contra a mulher é um assunto de saúde pública. Por meio da coleta de dados e a interpretação dos mesmos, pode-se compreender e levantar possíveis discussões a respeito do problema. A abordagem é qualitativa, visto que foi realizado o levantamento literário de documentos já publicados que retratam temas relacionados à violência contra a mulher e suas variações; buscando o delineamento de um possível perfil de vítimas que já sofreram abuso.

No intuito de realizar o objetivo almejado, foi executado uma busca em dois portais de pesquisa – o *SciELO - The Scientific Electronic Library Online*; e o *Google Scholar* – onde foram encontrados vinte e dois artigos utilizando o cruzamento dos seguintes descritores: relacionamento abusivo; violência; mulheres; vítimas; perfil de vítimas; mulher maltratada; violência e personalidade; e violência conjugal. Como critério de inclusão, delimitamos os artigos brasileiros que abordavam a violência contra a mulher nos últimos 20 anos.

Inicialmente teríamos como base artigos de 2010 em diante, porém, no decorrer do projeto ampliamos essa margem, uma vez que encontramos estudos menos recentes que trouxeram informações relevantes sobre as características das mulheres vítimas de relações abusivas. No que diz respeito aos critérios de exclusão, estão os artigos estrangeiros e aqueles que focam na conceitualização da violência, no processo cultural do machismo, mas não tratam do objetivo da pesquisa, ou seja, não abordam o perfil das mulheres vítimas.

Resultados

A busca nos portais *Scielo* e *Google Scholar* foi realizada no período entre setembro de 2020 e abril de 2021, utilizando os descritores: relacionamento abusivo; violência; mulheres; vítimas; perfil de vítimas; mulher maltratada; violência e personalidade; violência conjugal. Foram selecionados vinte e dois registros nos últimos vinte anos, porém apenas quatorze atendiam aos nossos critérios. Os resultados estão expostos na tabela 1.

Tabela 1: Descrição dos artigos incluídos na pesquisa.

CARACTERÍSTICAS DE MULHERES NO RELACIONAMENTO ABUSIVO

Ano	Título	Autores	Objetivo
2004	Depressão e traços de personalidade em mulheres vítimas de violência doméstica	P. G Jacobucci M. A. A Cabral	Verificar a ocorrência de depressão ou se há algum traço de personalidade que pode interferir na saúde da mulher
2006	Os motivos que mantêm as mulheres vítimas de violência no relacionamento violento	P. A Souza M. A Ros	Avaliar os motivos que levam as mulheres a permanecer em relacionamentos violentos
2009	Perfil das mulheres vítimas de agressão pelo parceiro, atendidas no Instituto Médico Legal	N. M. Botelho M. Iida N. B. Brito S. N. S. Fonseca	Verificar dados sociodemográficos de mulheres vítimas de violência física
2011	O estigma da violência sofrida por mulheres na relação com seus parceiros íntimos	V Moreira G. D. J. B Bores N Venâncio	Mostrar dados dos tipos de violências e tratar sobre os fatores que dificultam a denúncia da violência
2012	Violência doméstica contra a mulher: realidades e representações sociais	D. H Fonseca C. G Ribeiro N. S. B Leal	Verificar as representações sociais de mulheres vítimas de violência doméstica
2012	Violência, mulheres e atendimento psicológico na Amazônia e no Distrito Federal	M. Porto J. S. N. F. Bucher- Maluschke	Investigar a atuação do psicólogo no atendimento das mulheres vítimas
2013	Personalidade de mulheres vítimas de violência doméstica: uma revisão sistemática da literatura	S. D Sá B. S. G Werlang	Revisão sistemática das mulheres vítimas de violência doméstica
2013	Repercussões psicoemocionais da violência doméstica: perfil de mulheres na atenção básica	S. L. L Vale C. M. R Medeiros S. O Cavalcante C. C. S Junqueira L. C Souza	Apresentar dados sociodemográficos de mulheres vítimas de violência em pacientes de UBS
2016	A formação do vínculo e as mulheres em situação de violência doméstica	A. O Santos L. M Cardoso G Yoshida R. P Cabral T. O Teixeira	Verificar a possível existência de traços de personalidade
2017	Violência conjugal e suas relações com autoestima, personalidade e satisfação com a vida.	T. T Paiva C. E Pimentel G. B Moura	Verificar a relação das formas de legitimação da violência conjugal com a autoestima, satisfação com a vida e personalidade

CARACTERÍSTICAS DE MULHERES NO RELACIONAMENTO ABUSIVO

2018	A permanência de mulheres em relacionamentos abusivos à luz da teoria da ação planejada	I. R. R Gomes S. C. S Fernandes	Compreender os aspectos que envolvem a permanência de mulheres em relacionamentos abusivos
2018	Análise Funcional da permanência das mulheres nos relacionamentos abusivos: um estudo prático	D. C. S Pereira V. S Camargo P. C. N Aoyama	Identificar possíveis variáveis que afetam a permanência da mulher em relacionamentos abusivos
2019	Relacionamentos abusivos: consequências psicológicas em mulheres que o vivenciam.	A. S Souza	Explorar os danos psicológicos decorrentes das relações abusivas
2020	Fatores que influenciam a manutenção do relacionamento abusivo: a terapia de esquemas como uma proposta de intervenção	L. R. S Neves Y. N Pumariega	Descrever o relacionamento abusivo e fatores que influenciam a permanências das vítimas na relação

Os quatorze estudos incluídos nesta revisão foram publicados nos anos de 2004; 2006; 2009; 2011; dois no ano de 2012; dois em 2013; 2016; 2017; dois artigos em 2018; 2019 e um em 2020. Todos de origem do Brasil, das regiões Sudeste, Sul, Centro-Oeste, Norte e Nordeste.

Tabela 2: Separação das Vertentes

Traços de Personalidade	Dados Sociodemográficos	Consequência/Permanência
Traços de insegurança; Ansiedade; Depressão; Personalidade dependente; Personalidade esquizoide; Disfunções sexuais.	Faixa etária adulta/ jovem; Baixo grau de instrução escolar; Baixa condição socioeconômica.	Sintomas depressivos e ansiedade; Transtorno de Estresse Pós-Traumático; Baixa autoestima e baixa autoconfiança; Solidão/Culpa; Medo; Dependência financeira e/ou emocional; Distúrbios do sono/alimentares;

Relações instáveis/ausência de vínculos.

No decorrer da pesquisa para uma melhor análise dos resultados houve a separação em três vertentes, sendo elas: traços de personalidades, consequências/permanência e dados sociodemográficos. De acordo com os dados descritos na tabela 2, observou-se a partir dos levantamentos que cinco dos artigos escolhidos trouxeram em comum traços de personalidades que as vítimas possuem, apenas seis artigos descreveram dados sociodemográficos referentes às mulheres que sofrem, ou já sofreram abuso. Quanto às consequências, foram encontrados onze artigos que também apresentaram aspectos que contribuem para a permanência na relação.

É importante ressaltar que o seguinte estudo não traz dados concretos, uma vez que é uma ciência subjetiva, entretanto pode-se perceber semelhanças nos resultados de acordo com a análise dos artigos.

Discussão

Considerando a análise dos dados citados anteriormente, constatou-se que todos os artigos trouxeram alguma característica das três vertentes separadas, sendo elas: traços de personalidades, consequências/permanência e dados sociodemográficos. No que diz respeito à personalidade, cinco artigos levantaram traços comuns em mulheres vítimas de relações abusivas, dentre eles os mais citados foram: traços de insegurança, ansiedade, depressão, personalidade dependente, esquizoide e também algumas disfunções sexuais. A personalidade é formada a partir de fatores genéticos, culturais, classe social, relações familiares, condições de crescimento, desenvolvimento e experiências vivenciadas, portanto, a personalidade é um padrão de comportamento característico do indivíduo, o que o torna singular, porém ela contém fluidez, não é algo definitivo (Pinto, 2009).

O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - V (2014) define os traços de personalidade como sendo padrões constantes de pensamentos, relacionamentos, compreensões do mundo, de si mesmo em situações pessoais e sociais. Portanto a personalidade tem influência direta nas atitudes, percepções, sentimentos, emoções e comportamentos do ser humano. De acordo com o CID-10 (2011) a personalidade engloba inúmeros estados e comportamentos clinicamente significativos

que são persistentes e revelam características do indivíduo, do estabelecimento das suas relações com os outros, com si mesmo e com o mundo.

O traço de personalidade dependente foi citado por dois artigos, dos autores Sá & Werlang (2013) e Paiva, Pimentel & Moura (2017). Segundo eles, esse tipo de personalidade remete a um comportamento apegado, submisso que apresenta uma necessidade de cuidado. Os autores Sá & Werlang (2013) e Jacobucci & Cabral (2004) trouxeram em seus artigos o traço esquizoide que é um tipo de personalidade que suas expressões emocionais são limitadas, ou seja, são pessoas normalmente mais isoladas, distante das relações sociais, que mostram bastante indiferença.

Nos seis artigos que buscaram traçar o perfil sociodemográfico de mulheres vítimas, é possível perceber que as vítimas costumam ser mulheres na faixa etária adulta/jovem, com baixo grau de instrução escolar, e baixa condição socioeconômica. Consequentemente, muitas vezes a falta de renda dificulta a saída do relacionamento. Vale salientar que nos artigos selecionados, a maioria dos dados foram retirados de instituições públicas, e, portanto, os resultados podem não ser precisos, uma vez que mulheres de boa condição socioeconômica quando procuram ajuda, buscam em instituições privadas. Há estudos que apontam a violência contra a mulher como algo que ocorre independente de classe social, etnia, escolaridade e faixa etária; é necessário ampliar a reflexão no assunto visto que muitas mulheres não procuram ajuda devido também à vergonha, ou por não compreender a violência em que vivem.

Foi observada também, a dificuldade que os profissionais de saúde possuem em identificar as mulheres vítimas, visto que, em muitos casos, as demandas não chegam como violências. Segundo Porto e Bucher-Maluschke (2012) não existe um apoio efetivo aos profissionais que trabalham com esse tipo de população, assim, identificar as violências silenciosas se torna um desafio ainda maior, uma vez que muitas mulheres não entendem que estão sofrendo violência em seu relacionamento.

Dos quatorze artigos selecionados, onze apresentaram consequências e fatores que propiciam a permanência das mulheres na situação de violência. As que mais se repetiram foram: sintomas depressivos, Transtorno de Estresse Pós-Traumático, baixa autoestima, sentimentos de solidão, culpa, dependência financeira e/ou emocional, medo, baixa autoconfiança, relações instáveis, ausência de vínculos, irritação, distúrbios do sono, distúrbios alimentares, ansiedade e depressão. As questões culturais, sociais e religiosas foram pontuadas como agentes da “naturalização” da violência. Mulheres são pressionadas a permanecerem em relacionamentos abusivos, considerando que devem

exercer o papel de esposa idealizado, podendo ser felizes apenas se estiverem casadas. O desejo de mudança, também é um fator presente. As vítimas acreditam ter a função de mudar as atitudes do parceiro, e quando essa mudança não é eficaz elas se responsabilizam pelo fracasso das relações (Porto & Bucher-Maluschke 2012).

Young (1990) apud, por Neves & Pulmariega (2020), por meio da Terapia de Esquemas, ressaltou a importância do vínculo familiar na infância, uma vez que ele atua no desenvolvimento da personalidade, e serve como molde na escolha dos futuros parceiros e na maneira de se relacionar. Desta forma, relações abusivas na infância são internalizadas, e usadas como padrões ao longo da vida do indivíduo, são entendidas como normais, sendo no papel de agressor ou vítima. A Teoria do Apego de Bowlby (1989) apud, por Dalbem & Dell'Aglio (2005) considera a dependência emocional como forte característica da permanência de mulheres em relacionamentos abusivos. O desenvolvimento no decorrer da vida da vítima interfere em sua vida amorosa, uma vez que ela busca suprir todos os aspectos de sua vida com o outro, se tornando doadora de amor, sempre na procura de parceiros amorosos que a faça reviver situações traumáticas da infância, na ilusão de que assim finalmente tenha controle sobre acontecimentos que já vivenciou.

Um dos objetivos iniciais do presente estudo foi identificar algumas características comuns em mulheres vítimas de relacionamentos abusivos. A partir da revisão literária realizar uma análise para compreender o porquê essas mulheres se encontram e permanecem nos mesmos. Dos onze artigos que trouxeram fatores de consequências/permanência, seis artigos enfatizaram a presença de sintomas depressivos, cinco citaram a baixa autoestima e a baixa autoconfiança. No cenário abusivo, é bastante comum o agressor depreciar a vítima, criticando sua aparência, sua capacidade intelectual, seu desempenho nas atividades, reconhecer apenas defeitos e erros a fim de desestabilizar a autoestima e manipular, como uma forma de exercer controle e poder sobre a vítima (Souza, 2019). Essa violência psicológica resulta em uma autoimagem deturpada, gera insegurança e uma visão negativa de si mesma, não há o reconhecimento de suas próprias habilidades e seu valor ocasionando diversos problemas para a saúde mental da mulher (Brasil, 2002).

Considerações Finais

Apesar dos avanços com a Lei Maria da Penha, com a força do movimento feminista e com as evoluções das políticas públicas e assistência à mulher, ainda há muito

que ser trabalhado, uma vez que os indicadores de violência contra a mulher continuam alarmantes. Ainda não existe apoio aos profissionais que trabalham com esse tipo de demanda, dificultando a identificação da queixa prejudicando o acesso ao tratamento e acolhimento.

Pessoas de todos os gêneros são suscetíveis a relações tóxicas, mas devido ao machismo estrutural as mulheres são as vítimas mais comuns. Na pesquisa realizada, foi possível identificar traços de personalidade, consequência/permanência e dados sociodemográficos que possam caracterizar as mulheres vítimas de relacionamentos abusivos. Dentre os traços de personalidade estão insegurança, ansiedade, depressão, personalidade dependente, esquizóide e também algumas disfunções sexuais; traços esses que influenciam diretamente os comportamentos e relacionamentos interpessoais.

Partindo do pressuposto que a religião é importante na criação de crenças e valores morais, e serve como rede de apoio em que muitas mulheres se sentem acolhidas em casos de violência, é necessário olhar pelo viés da distorção que muitas vezes ocorre do papel de mulher no matrimônio, criado pelas instituições religiosas. A mulher acredita que possui a missão de transformar o parceiro, idealizando que assim, obterá a salvação. Apresenta uma necessidade constante de aceitação, e submissão, que diferente do que acredita, as situações de violência não terminam com o tempo.

Foram apresentados perfis sociodemográficos de mulheres vítimas de violência, retirados de instituições públicas, destacando, mulheres adultas/jovens com baixo grau de escolaridade, menos favorecidas socialmente, e economicamente. É relevante mencionar, que os dados sociodemográficos podem sofrer alterações pela dificuldade em identificar essas mulheres vítimas, já que existe o sentimento de culpa, medo e a vergonha em denunciar, e serem vistas como inferiores, fato este que comprova o baixo índice de mulheres favorecidas socialmente em denunciar o abuso.

Na literatura estudada, perceberam-se características comuns nas mulheres vítimas, essas características são frutos da romantização do relacionamento abusivo. O abuso muitas vezes é exposto pelas mídias de forma romântica e desejável, isso pode gerar uma sensação de que o abuso é normal e ocorre em toda relação amorosa, aumentando a dificuldade em identificar as violências silenciosas, só tomando consciência da situação quando o quadro de violência já evoluiu e causou danos graves a vítima (Oliveira, Ávila, Bastos & Vasconcelos, 2016). O empoderamento feminino é importante para alterar a maneira como a mulher se percebe, ter autonomia sobre seus

desejos, emoções e desenvolver o autoconhecimento na tentativa de diminuir as chances de cair no ciclo da violência.

O estudo em questão pode ser utilizado como prévia para pesquisas mais aprofundadas. É relevante destacar que o seguinte artigo não aborda dados concretos, uma vez que se trata de uma ciência subjetiva. É essencial garantir um atendimento humanizado e integral com uma escuta qualificada, implantando uma psicoeducação para que as mulheres saibam identificar e sair do ciclo da violência, certificando que os direitos e instrumentos de apoio a mulheres vítimas de violência estão sendo alcançados.

Referências

- Acosta, D. F., Gomes, V. L. D. O., & Barlem, E. L. D. (2013). Perfil das ocorrências policiais de violência contra a mulher. *Acta Paulista de Enfermagem*, 26(6), 547-553.
- Botelho, N. M., Iida, M., Brito, N. B., & da Fonseca, S. N. S. (2012). *Perfil das mulheres vítimas de agressão pelo parceiro, atendidas no instituto médico legal. Rev. para. med.*
- Brasil. Constituição (1988). *Lei Maria da Penha – Secretaria de Políticas para as Mulheres*, DF, 2012.
- Carvalho, N. M. C. (2010). Perfil psicológico das mulheres vítimas de violência doméstica e suas repercussões.
- D'Agostini, M., da Silva Zanin, C. A., Dal Moro, C., Czismoski, D. F., de Giacometti, E., Oliveira, J. C. S. D., ... & Algeri, V. (2021). Representações sociais sobre relacionamento abusivo. *Brazilian Journal of Development*, 7(2), 20701-20721.
- Dalbem, J. X., & Dell'Aglio, D. D. (2005). Teoria do apego: bases conceituais e desenvolvimento dos modelos internos de funcionamento. *Arquivos brasileiros de psicologia*, 57(1), 12-24.
- Einhardt, A., & Sampaio, S. S. (2020). *Violência doméstica contra a mulher-com a fala, eles, os homens autores da violência. Serviço Social & Sociedade*, (138), 359-378.
- Fonseca, D. H. D., Ribeiro, C. G., & Leal, N. S. B. (2012). *Violência doméstica contra a mulher: realidades e representações sociais. Psicologia & Sociedade*, 24(2), 307-314.
- Gomes, I. R. R. (2018). *A intenção feminina de permanecer em um relacionamento abusivo.*

- Gomes, I. R. R., & Fernandes, S. C. (2018). *A permanência de mulheres em relacionamentos abusivos à luz da teoria da ação planejada*. Boletim-Academia Paulista de Psicologia, 38(94), 55-66.
- Guedes, R. N., & Fonseca, R. M. G. S. D. (2011). *A autonomia como necessidade estruturante para o enfrentamento da violência de gênero*. Revista da Escola de Enfermagem da USP, 45(SPE2), 1731-1735.
- Jacobucci, P. G., & Cabral, M. A. A. (2004). *Depressão e traços de personalidade em mulheres vítimas de violência doméstica*. Revista Brasileira de Psiquiatria, 26(3), 215-215.
- Magalhães, T. (2020). *Violência e abuso: respostas simples para questões complexas*. Imprensa da Universidade de Coimbra/Coimbra University Press.
- Maia, L. R. (2017). *A cultura do machismo e sua influência na manutenção dos relacionamentos abusivos*. Psicologia-Tubarão.
- Moreira, V., Boris, G. D. J. B., & Venâncio, N. (2011). *O estigma da violência sofrida por mulheres na relação com seus parceiros íntimos*. Psicologia & sociedade, 23(2), 398-406.
- Neves, L. R. D. S., & Pumariega, Y. N. (2020). *Fatores que influenciam a manutenção do relacionamento abusivo: A terapia de esquemas como uma proposta de intervenção*.
- Oliveira, F. A., Ávila, F., Bastos, N. M. C, & Vasconcelos, V. L. (2016). *Romantização do relacionamento abusivo, uma violência silenciosa: A ineficácia da Lei Maria da Penha*. Anais do IX Encontro de Pesquisa e Extensão da Faculdade Luciano Feijão. Sobral-CE.
- Organização Mundial da Saúde. (2011). *Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde – CID-10*. Artmed, 2011, p.194
- Paiva, T. T., Pimentel, C. E., & Moura, G. B. D. (2017). *Violência conjugal e suas relações com autoestima, personalidade e satisfação com a vida*. Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia, 10(2), 215-227.
- Pinto, Ê. B. (2014). *Formação e personalidade: conceitos e orientações*. American Psychiatric Association. DSM-5: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais. Artmed Editora.
- Pinto, M., Varela, A. M., & Vinhal, A. (2012). *A personalidade das vítimas de violência conjugal*. Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental, (8), 25-29.
- Porto, M., & Bucher-Maluschke, J. S. (2012). *Violência, mulheres e atendimento psicológico na Amazônia e no Distrito Federal*. Psicologia em Estudo, 17(2), 297-306.

CARACTERÍSTICAS DE MULHERES NO RELACIONAMENTO ABUSIVO

- Sá, S. D., & Werlang, B. S. G. (2013). *Personalidade de mulheres vítimas de violência doméstica: uma revisão sistemática da literatura*. Contextos Clínicos, 6(2), 106-116.
- Santos, A., Sanchotene, N., & Vaz, P. (2019). *A invenção do relacionamento abusivo: sofrimento e sentido nas relações amorosas ontem e hoje*. Líbero. Issn impresso: 1517-3283/issn online: 2525-3166, 22(44), 122-135.
- Souza Pereira, D. C., Camargo, V. S., & Aoyama, P. C. N. (2018). *Análise funcional da permanência das mulheres nos relacionamentos abusivos: Um estudo prático*. Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva, 20(2), 10-25.
- Souza, P. A., & Da Ros, M. A. (2006). *Os motivos que mantêm as mulheres vítimas de violência no relacionamento violento*. Revista de Ciências Humanas, (40), 509-527.
- Souza, F. K. M. *Narrativas sobre relacionamentos abusivos e mudança de sensibilidades do que é violência*.
- Souza, A. D. S. (2019). *Relacionamentos Abusivos: consequências psicológicas em mulheres que vivenciam*. Anais Eletrônico. CIC, 17(1).
- Teixeira, T. O., & Yoshida, G. (2017). *A formação do vínculo e as mulheres em situação de violência doméstica*. Revista de trabalhos acadêmicos-universo–goiânia, (3).
- Vale, S. L. D. L., Medeiros, C. M. R., Cavalcanti, C. D. O., Junqueira, C. C. D. S., & Souza, L. C. D. (2013). *Repercussões psicoemocionais da violência doméstica: perfil de mulheres na atenção básica*.
- Waiselfisz, J. J. (2012). *Mapa da Violência 2012. Atualização: Homicídio de mulheres no Brasil*. Rio de Janeiro: CEBELA, FLASCOS; Brasília: 2012